

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Volta de São Paulo

Class.: 261

Data: 8 de Maio de 1984

Pg.: _____

Além do Xingu

190
AILTON KRENAK

Saindo de suas aldeias dos mais distantes pontos do País, chegaram a Brasília nos dias 1º a 5 de abril passado 450 lideranças indígenas. Estes irmãos que vinham do Oiapoque, como os Galibi, Karipuna, e outros que chegavam do Chui, como os Guarani, traziam em seus corações uma firme certeza: somente nossa união poderia trazer uma solução para o difícil momento que estamos vivendo.

Estavam representados neste encontro de lideranças indígenas 85 povos. Seriam 100, não estivessem nossos irmãos do Parque Nacional do Xingu enfrentando uma das maiores crises já experimentadas pelo nosso povo. A mesma Funai — Fundação Nacional do Índio, que cercou prédios e transformou a cidade de Brasília numa praça de guerra durante os cinco dias que estivemos acampados em nossa Capital Federal; também havia cercado, com sua arrogância, a população do Xingu.

Tudo isso a imprensa brasileira e até internacional cobria com o maior interesse. Mesmo que esse interesse não significasse imparcialidade. Um jornal do Norte do País trazia em seu editorial o seguinte título: "A subversão indígena". Outros órgãos da imprensa apresentavam a movimentação indígena como cena de faroeste: o Xingu exigindo a demissão do presidente da Funai, Juruna discursando e buscando uma forma de entendimento com a Funai e, de fundo, centenas de chefes indígenas reunidos em Brasília. Talvez seja muito esperar, de parte da imprensa, uma compreensão de tão novo fenô-

meno — um povo que foi mantido durante séculos em verdadeiro isolamento cultural e principalmente político, surgindo com tanta coerência nas suas reivindicações mais legítimas.

No terceiro dia de nosso Encontro de Lideranças Indígenas em Brasília, o líder xavante Aniceto declarou-se envergonhado com a atitude das autoridades, que vendo em nossa reunião uma ameaça, decidiram guardar todas as repartições da Funai e Ministério do Interior, com a presença de policiais acompanhados de seus respectivos cães. Muitos dos chefes indígenas ali presentes, manifestaram seu constrangimento: "Não somos bichos, viemos fazer uma reunião em paz". E fizemos!

Somente agora, passados 42 dias desde o início da crise do Xingu é que se encontrou uma solução. E essa solução foi dada pela própria população indígena. Juruna foi o intermediário, Megaron foi o diplomata por excelência; juntamente com os nossos outros irmãos do Xingu. Raoni junto com seu povo definiu a pauta de reivindicações — aliás, já de todos conhecida como razoável. Se houve intransigência, não foi do Xingu. Por parte das lideranças do Parque sempre houve uma intenção muito tranquila de negociar pacificamente.

A população indígena brasileira — como todo o povo brasileiro — tem buscado formas pacíficas de solucionar crises. E isso, a despeito de toda a arrogância da Funai, um órgão que conta hoje quatro mil funcionários e com um orçamento de 16 bilhões de cruzeiros para o ano de 1984, dos quais 80% serão para a manutenção

desta estrutura que, se serve a alguém, este alguém não tem sido a população indígena.

Tudo isso foi discutido em nosso acampamento de Brasília, e também a demissão do presidente da Funai, não só como apoio à reivindicação do Xingu, mas a de todos os povos indígenas do Brasil. E chegamos à conclusão de que de nada nos adianta tirar e pôr presidente; o que precisamos é de uma reestruturação da Funai, transformando o que existe em uma administração voltada para o atendimento aos índios, com nossa participação direta nas decisões sobre demarcação de terras, saúde, educação e, principalmente, quando se tratar de projetos que venham a significar ingerência de interesses estranhos na vida de nossas comunidades, como a BR-80, que cortou o Xingu em 1971 e foi o motivo principal da crise do Xingu. É nesse sentido que estamos buscando o apoio de todo o povo brasileiro, para termos aprovado, o mais breve, projeto do deputado Mário Juruna que propõe a reestruturação do órgão tutor, criando um Conselho Diretor no lugar do presidente e conselhos indígenas — formados por cinco líderes indicados por suas comunidades a nível nacional e regional, que teriam o papel de fiscalizar os atos da Funai. O projeto já foi aprovado na Câmara dos Deputados e agora está aguardando a apreciação do Senado. Com o apoio do povo brasileiro, teremos mais esta vitória.

AILTON KRENAK é índio da nação Krenak que habita a região do Vale do Rio Doce (MG), e coordenador de publicações da UNI — União das Nações Indígenas.